

A miragem mexicana

Por José Luís Fiori

Valor Econômico, 30.4.2014

O modelo mexicano teve um desempenho pior do que o modelo "intervencionista" e "fechado" brasileiro.

Poucas pessoas inteligentes -fora da Inglaterra - ainda prestam atenção nas notícias da monarquia inglesa e da sua família real, em pleno século XXI. Mas o mesmo não se pode dizer da City britânica e dos seus dois principais órgãos de imprensa e divulgação - o "Financial Times" e o "The Economist" - que seguem tendo importância decisiva na formação das opiniões e dos consensos ideológicos dentro das elites liberais e conservadoras do mundo. A escolha dos seus temas e o uso de sua linguagem nunca é casual. Como no caso recente do seu entusiasmo pelo México e seu modelo de desenvolvimento liberal, e seu ataque cada vez mais estridente ao "intervencionismo" da economia brasileira. Uma tomada de posição compreensível do ponto de vista ideológico, mas que não vem sendo confirmada pelos fatos.

Em 1994, o México assinou o Tratado de Livre Comércio da América do Norte (Nafta), junto com os EUA e Canadá, e nos últimos 20 anos tem sido absolutamente fiel ao livre-cambismo, incluindo sua adesão à Aliança do Pacífico, e à iniciativa americana do TPP. Por outro lado, nesse mesmo período, o México praticou uma política macroeconômica e financeira rigorosamente ortodoxa - em particular na última década - mantendo inflação baixa, câmbio flexível, taxas de juros moderadas e amplo acesso ao crédito. Mesmo assim, depois de duas décadas, o balanço dessa experiência ultraliberal deixa muito a desejar¹.

Como era de se prever o comércio exterior do país cresceu significativamente no período e passou - em termos absolutos - de US\$ 60 bilhões em 1994, para US\$ 400 bi em 2013. Mas nesse mesmo período, a economia mexicana teve crescimento médio anual pífio, de 2,6%, sendo o crescimento per capita, de apenas 1,2%. O emprego industrial cresceu de forma setorial e vegetativa, e mesmo nas "maquiladoras" foi de apenas 20%, algo em torno de 700 mil novos postos de trabalho. A participação dos salários permaneceu em torno de 29% da renda nacional e a pobreza absoluta da população mexicana aumentou significativamente.

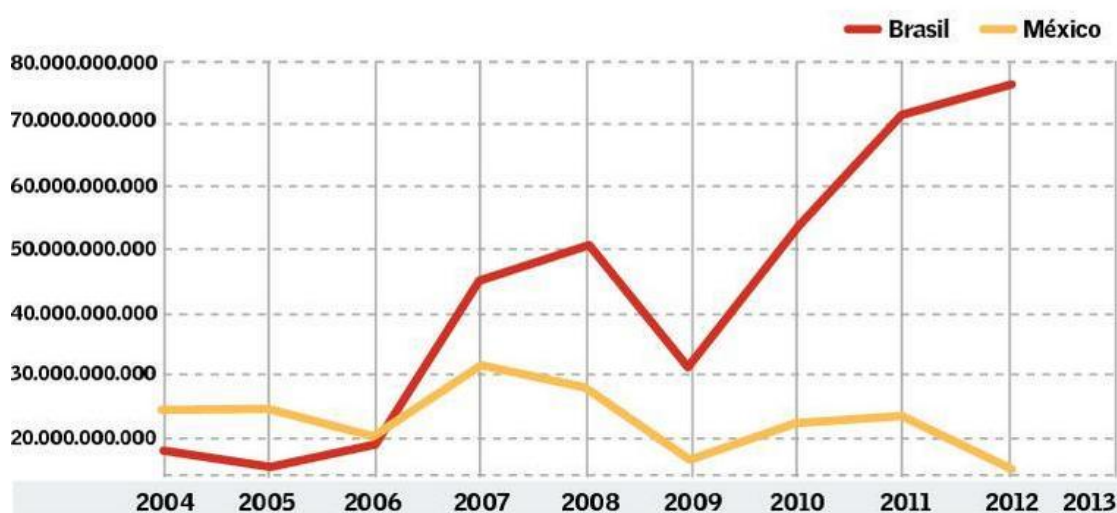
Por fim, ao contrário do que havia sido previsto, a economia mexicana não se integrou nas "cadeias globais de produção", a produtividade média da economia praticamente só cresceu de forma segmentada e vegetativa e o "investimento direto estrangeiro" (o principal "prêmio" anunciado em troca da abertura da economia) não teve nenhuma alteração significativa.

Esse balanço fica ainda mais decepcionante quando se compara o desempenho do "modelo mexicano", com o "modelo intervencionista" da economia brasileira no período entre 2003 e 2012. Segundo dados publicados pelo Banco Mundial², e pelos ministérios do Trabalho dos dois países, os números e as diferenças são realmente chocantes. Nesse período, o crescimento médio anual do PIB brasileiro, foi de 4,21%, o do México de 2,92%. O crescimento total da economia brasileira foi de 42,17%, o do México, de 29,29 %. As exportações brasileiras

criaram, a uma taxa anual de 6,59%, as do México, a uma taxa de 5,45%. O crescimento total das exportações brasileiras foi de 65,95%, o do México, foi de 54,45%. As importações brasileiras cresceram a uma taxa média anual de 17,33%, e as do México, a uma taxa de 6,75%. O crescimento total das importações no Brasil foi de 173,32%, e no México de apenas 67,54%.

Investimento estrangeiro direto

Em dólares



Fonte: FMI dados da Conferência para Comércio e Desenvolvimento das Nações Unidas.

Por outro lado, a renda per capita brasileira cresceu a uma taxa anual de 2,84%, e a do México, 1,42%; o crescimento total da renda no Brasil foi de 28,4%, e no México foi de 14,26%; e a participação dos salários na renda chegou a 45 %, no Brasil, e no México, a 29%. Nesse mesmo período, o Brasil criou 16 milhões de novos empregos formais, e o México, 3,5 milhões; e a pobreza absoluta foi reduzida a 15,9%, no Brasil, e aumentou para 51,3%, no México.

Por fim, (pasmese), entre 2002 e 2012, o "investimento direto estrangeiro" no Brasil, cresceu de US\$ 16,59 bilhões, para US\$ 76,11 bilhões, e no México caiu de US\$ 23,932 bilhões, em 2002, para US\$ 15,455 bilhões, em 2012! Só para encerrar a comparação, em 2013 a economia brasileira cresceu 2,3%, (uma das maiores taxas entre as grandes economias do mundo) enquanto a economia mexicana cresceu 1,1%.

Isto posto, o elogio do México deve ser considerado um caso de má fé, fundamentalismo ideológico ou estratégia internacional? As três coisas ao mesmo tempo. Mas o que importa é o que dizem os números e a conclusão é uma só: na última década, o "modelo mexicano" de abertura liberal, integração com os EUA e livre comércio teve um desempenho extraordinariamente pior do que o "modelo intervencionista", "heterodoxo" e "fechado" (apud FT e TE) da economia brasileira, junto com seu projeto de integração do Mercosul.

1- Vide artigo do ex-ministro de relações exteriores do México, Jorge Castañeda: "Nafta's mixed record", publicado na Revista Foreign Affairs, de janeiro/fevereiro de 2014.

2- www.data.worldbank.org Gráfico disponível em www.bit.ly/S6lUCo